

Instituto Quatro Estações

Aprimoramento e Especialização em Apego

Trabalho de Monografia

O apego entre tutor e seu animal de estimação

Clarice Clemente Raposo

Izabela Maria de Oliveira Pinheiro

Roberta Paz Barreto

Tatiane Ichitani

Orientação: Profa. Dra. Luciana Mazorra

Novembro

2022

1. Introdução

Família multiespécie e domesticação

A constituição familiar é um dos pilares do relacionamento humano e que sofre influência pelo contexto cultural, social, político e histórico no qual está inserida. Ela é sistêmica, sendo afetada pelas relações e constituída pelo todo, desta forma integrativa, ela é mais do que a soma das individualidades de cada membro. Cada sistema familiar possui suas especificidades e simultaneamente tem a necessidade de se adaptar a novos contextos e configurações ao longo de sua história (MACEDO, 2008).

De acordo com Gazzana e Schmid (2015), a família é definida como um sistema de influências mútuas, onde as individualidades e mudanças entre os componentes mobiliza e altera a relação entre os sujeitos. Além disso, verifica-se a presença de diferentes configurações familiares, como por exemplo: famílias binucleares, monoparentais, homoafetivas, multiespécies, entre outras (GAZZANA; SCHIMID, 2015).

Vale ressaltar que o conceito de família levado em consideração é aquele que não só abarca diferentes configurações como supracitado anteriormente, como também inclui arranjos plurais que podem ser por proximidade, vínculos afetivos e que ampliam assim o conceito de família para além da consanguinidade (MACEDO, 2008).

Diante do exposto até aqui, é notável perceber que o conceito de “família tradicional” vem sendo ampliada nos últimos anos, com base na legitimação da pluralidade das relações como também do reconhecimento das diferentes manifestações de afeto. Levando em consideração que os vínculos afetivos podem ser constituídos com outras espécies, os animais de estimação são reconhecidos como membros da família, ou seja, famílias multiespécies.

As famílias multiespécies são um arranjo familiar onde os membros legitimam seus animais de estimação como integrantes da família (FARACO, 2008; KNEBEL, 2012). Vários estudos indicam que os animais de estimação vêm ocupando uma posição de importância cada vez maior no contexto familiar, muitos os consideram e os reconhecem como integrantes ou até mesmo como substituto de algum componente da família (FARACO; SEMINOTTI, 2004).

O cachorro foi o primeiro animal a ser domesticado pelos humanos, ocorrendo antes do surgimento da agricultura. Eles são universais, estão presentes em todas as culturas e ambientes (VIDELA, 2017). Os cães surgiram a partir do lobo cinza, que passaram por um processo de domesticação e evolução. Segundo Albuquerque e Savalli (2017) os lobos cinzas viviam em grupos, possuíam uma hierarquia familiar, onde os progenitores eram os líderes, praticavam caça de forma cooperativa, demonstrando uma boa comunicação entre eles, eram capazes de se adaptar em diferentes ambientes. Os autores observam que ocorreu uma plasticidade comportamental e fisiológica nesses animais, que possibilitou a aproximação com os humanos, ocorrendo no período paleolítico em 35.000 a.C, muito antes da domesticação de qualquer outro animal ou planta.

A domesticação e socialização dos animais foi um processo interativo de cooperação mútua e coevolução, baseado na necessidade compartilhada de abrigo, comida e proteção. Desde então, manter animais como companheiros tem sido uma prática difundida em grande parte da história humana e em todo o mundo. Uma possível exceção é o período medieval e início da Europa moderna, onde atitudes de afeto e proximidade com animais de companhia eram menos aceitas (SAVALLI; ALBUQUERQUE, 2017).

Videla (2017) observa uma mudança histórica nas atitudes humanas em relação aos animais de estimação. Hoje eles ocupam uma posição privilegiada na sociedade, são considerados membros da família, vivendo próximos aos seus tutores com tratamento especializado de saúde, comportamento e lazer.

Abandono de animais de estimação

Nos dias atuais, a presença de animais de estimação nos lares é cada vez mais recorrente. Por exemplo, nos EUA, calcula-se que existam aproximadamente 78 milhões de cachorros e 85,8 milhões de gatos. Destes, cerca de 44% dos cães e 35% dos gatos residem com as famílias (ASPCA, 2020). Em conformidade com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, no Brasil, por volta de 46,1% dos lares do país contam com pelo menos um animal de estimação (IBGE, 2019). Com advento da pandemia do COVID 19 e o isolamento social decorrente dela, o número de adoções de animais aumentou expressivamente (CNN BRASIL, 2020).

Os animais de estimação apresentam cada vez mais importância para os indivíduos em todas as etapas do seu desenvolvimento. Os benefícios de compartilhar a vida com eles vão desde a criação e fortalecimento de vínculos afetivos, diminuição dos níveis de estresse, estímulo para se exercitar, entre outros. Essa relação também é benéfica para os animais pois, na maioria das vezes, garante conforto, amor e cuidados (CAYA, 2015; HUTTON, 2016).

Estudos recentes baseados na vinculação tutor-pets mostram que, não somente humanos conseguem estabelecer laços afetivos para com os animais, mas, tanto cães como gatos, mostram comportamentos afetivos em relação aos seus tutores (VITALE et al., 2019). Mesmo que com todas as vantagens da possibilidade de vinculação entre humanos e animais, o abandono e outras práticas de maus-tratos direcionados a animais de estimação são comportamentos existentes na sociedade (WIJK et al., 2018)

Na literatura encontramos diferentes definições de maus-tratos. De acordo com Ascione (2001), são conceituados como maus-tratos “comportamentos socialmente inaceitáveis que intencionalmente causam dor desnecessária, sofrimento, estresse e/ou morte do animal”. Para McDonald (2014) são considerados maus-tratos “qualquer tipo de conduta que cause dor direta ou indiretamente ao animal, abuso, abandono, morte e até mesmo negligência em cuidados básicos como indisponibilidade de água, comida, abrigo e cuidados médicos”.

Diante das diversas práticas de maus-tratos, o ato de abandono se sobressai tanto no que tange a prevalência, quanto às consequências ecológicas, sanitárias e inclusive econômicas. O abandono de animais domésticos em áreas públicas colabora para configuração de populações de animais não-domiciliados que, em zonas urbanas, podem proceder como vetores de zoonoses e, em ambientes naturais, aparecem como espécies exóticas e causar relevantes desequilíbrios ecológicos (LIMA, 2020). O risco zoonótico provocado por essas populações, do mesmo modo que os diferentes impactos ecológicos causados a diferentes biomas têm sido objeto de vários estudos, em especial no que tange a populações de gatos domésticos não-domiciliados (LIMA, 2020).

A literatura brasileira e latino americana é escassa em relação aos fatores motivadores de abandono de animais. Grande parte dos estudos produzidos acerca desta temática são americanos e asiáticos. Apesar disso, e considerando que são realidades e culturas diferentes, esses estudos sobre os fatores de risco de abandono nesses países podem servir como base

para o aprofundamento no assunto, e conhecimento da realidade latina americana (ALVES et al., 2013).

Nos Estados Unidos, as causas relacionadas à devolução ou entrega de cachorros em abrigos foram, primeiramente, problemas comportamentais dos animais (46,8%) em segundo lugar, alterações na disponibilidade de espaço ou proibição de animais de estimação em novos locais de moradia (29,1%). Além disso, como razões significativas de abandono, inclui-se o estilo de vida do tutor (25,4%), a discrepância entre a expectativa (sejam elas emocionais, físicas ou sociais) do tutor, e a realidade nos cuidados com o animal (14,6%) (SALMAN et al., 1998).

De acordo com Salman et al. (1998), o perfil de tutores que devolvem cães em abrigos nos Estados Unidos são, de forma geral: homens, com idade média de 38 anos, adotantes de cachorro pela primeira vez, que possuem filhos pequenos e que haviam adotado o cachorro para a criança. Os mesmos estudos apontam também que, os atributos mais frequentes em animais abandonados em abrigos são os não castrados, adotados em abrigo, obtidos de graça ou a baixo custo, antes dos três anos de idade, que normalmente ficavam mais tempo no quintal do que dentro das moradias e que possuíam problemas comportamentais (SALMAN et al., 1998).

Estudos evidenciam que a educação, orientação e o aconselhamento antes e depois da aquisição ou adoção de um animal de estimação ajudam a diminuir a probabilidade de abandono e contribuem na formação de vínculo seguro entre o animal e seu tutor (LANDSBERG et al, 2004). Quando os tutores adotam ou compram animais de estimação por motivações erradas, não fazem treinamento de maneira apropriada ou quando os novos donos não estão capacitados ou preparados para as responsabilidades pertinentes ao cuidar, os animais acabam sendo abandonados, doados para outra família ou mandados para instituições (MARDER et al, 2008).

O processo de vinculação

O conceito de Apego, em psicologia, refere-se às procuras dirigidas a figuras específicas, ou seja, a relações afetivas específicas. Assim, apego é a tendência que os indivíduos têm para procurar a presença ou testar a proximidade de membros da mesma

espécie. Esse processo é algo muito fundamental na construção de relações saudáveis e deve ser duradouro e seguro, capaz de proporcionar confiança (BOWLBY, 1979/1997).

O estudo do apego ou da vinculação teve seu início marcado por uma pesquisa sobre as origens do desenvolvimento psicopatológico, na infância e na idade adulta, realizada por John Bowlby, na Clínica Tavistock (Inglaterra) (ABREU, 2005). Fundamentada nas teorias da etiologia e da evolução, a Teoria da Vinculação, mais conhecida como Teoria do Apego (TA), de Bowlby (1969) foi estruturada sobre o conceito da existência de um sistema comportamental que regula os comportamentos de busca por proximidade e a manutenção de contato da criança com indivíduos específicos que venham a fornecer segurança física ou psicológica (ABREU, 2005).

A TA propõe a existência de três estilos gerais referentes às sensações experimentadas na ativação do sistema comportamental de apego em função da disponibilidade materna – o apego seguro, o inseguro-evitativo e o inseguro-ambivalente (AINSWORTH; BLEHAR; WATERS; WALL, 1978).

O apego seguro refere-se à existência de um vínculo no qual a presença da figura de apego gera uma sensação de tranquilidade na criança e é usado como um porto seguro ao qual retorna em situações de desconforto ou medo. No apego inseguro-evitativo a criança tende a não buscar segurança e proteção na figura de apego, pois quando a figura sai, a criança geralmente não mostra grandes níveis de sofrimento ou medo, e quando volta, não se sente tão feliz. Existe uma certa indiferença ou evitação de contato. No apego inseguro-ambivalente há parte da existência de dúvidas da criança sobre se a figura do apego realmente responde às suas necessidades. Pode ser devido a um contato inconsistente no qual as necessidades às vezes são atendidas corretamente e outras vezes não são atendidas ou compreendidas (BOWLBY, 1988).

A importância do tipo de apego se dá ao longo da vida, pois na vida adulta, tais estilos de afiliação não desaparecerão, mas tenderão a se perpetuar nas mais variadas condições (nos relacionamentos afetivos, no enfrentamento do estresse, nas atitudes frente ao trabalho, nas crenças religiosas, na transmissão de valores intergeracionais, entre outros) (LIOTTI, 1991). É desta forma, então, que os adultos seguramente apegados (semelhante ao que ocorre na infância), frente a uma situação estressante, muito possivelmente, esperarão ser ajudados nos momentos de necessidade, pois acreditam que um outro significativo aparecerá e estará

disponível quando eles mais necessitarão. Então, facilmente tais indivíduos buscarão, sem receios, apoio social para lidar com o estresse. Em contraste, adultos evitativos, que carregam expectativas negativas sobre a disponibilidade dos outros, tendem a usar suas próprias estratégias de enfrentamento ao invés de buscar apoio social, pois no passado tiveram que superar sozinhos suas dificuldades. Já os indivíduos ambivalentes intensivamente buscarão apoio (mais até do que os seguros), mostrando altos níveis de emoções e ansiedade. Assim, adultos, da mesma forma que crianças, exibiram diferentes estilos de apego no trato com seu meio social (MAYSELESS; DANIELLI; SHARABANY, 1996).

Vínculo homem-animal

Mamíferos, principalmente, são animais sociais e estabelecem relações próximas com seus coespecíficos e isso é considerado de grande importância biológica. A mãe é geralmente a principal cuidadora, especialmente em função da amamentação, bem como promover segurança física, social e emocional (SAVALLI, FRANK & ALBUQUERQUE, 2017).

Alguns pesquisadores (TOPÁL et al., 1998) têm estudado a relação entre cães e seus tutores e comparado à relação de apego entre a criança e a figura materna. Adaptações ao Teste da Situação Estranha têm sido propostas desde 1998 mostrando que cães se comportam de forma semelhante às crianças em vários aspectos interagindo mais com seus tutores do que com pessoas desconhecidas.

Robyn e Custance (2008) apresentaram resultados conclusivos quanto ao papel de base segura que o tutor desenvolve na relação com o cão, permitindo classificar esse vínculo como algo semelhante ao que acontece com crianças e suas mães.

Além disso, cães podem se vincular com humanos de uma forma muito rápida. Em sua pesquisa com cães de abrigo, Gácsi et al. (2001) observaram que uma interação de apenas 10 minutos por 3 dias com uma pessoa desconhecida foi o suficiente para que ela se tornasse a referência numa adaptação do Teste da Situação Estranha. Cada vez mais, as pesquisas trazem evidências de que cães são capazes de se vincular com humanos.

Pesquisas indicam que o vínculo criado entre humanos e cães proporcionam benefícios fisiológicos e emocionais para ambos. É uma relação bidimensional em que eles se tornam parceiros sociais preenchendo as necessidades de vinculação afetiva um do outro (SAVALLI; ALBUQUERQUE, 2017).

Estilos de apego e vinculação do animal com seu tutor

Assim como em humanos, alguns pesquisadores têm se dedicado aos estudos dos estilos de apego do adulto na influência do comportamento dos cães, a saber: Rehn, Beetz e Keeling (2017) investigaram se o estilo de apego do tutor influencia na forma como o seu cão interage e obtém apoio frente a novos desafios. 51 tutoras de cães da raça Golden retriever responderam ao Adult Attachment Style Questionnaire (ASQ) enquanto os animais foram submetidos a várias situações estressantes (barulho, pessoas desconhecidas, ficar sozinho em ambiente). Foi constatado que quanto mais seguro o estilo de apego da tutora, mais confortável ele ficava nessas situações. Nas tutoras ansiosas-ambivalentes, o cão ficou maior tempo próximo a elas. Nas tutoras evitativas, o cão ficou voltado para o barulho e para a pessoa desconhecida aumentando seus sinais comunicativos de estresse.

Nessa direção, Konok et al. (2015) afirmam que tutores com apego inseguro evitativo tem mais probabilidade de desenvolver Síndrome de Ansiedade de Separação (SAS) em seus cães, sugerindo que essas pessoas são menos responsivas às necessidades dos animais não assumindo a função de base segura. Essa pesquisa ainda supõe que o estilo de apego dos tutores influencia diretamente no comportamento de cuidado para seus cães, sendo mais ou menos responsivo em situações em que o animal demonstra sinais de estresse.

White, Mills e Hall (2017) destacam que o estilo de apego pode afetar a qualidade de vida de usuários de cães de assistência. Sabe-se que o cão de assistência tem um impacto muito grande na qualidade de vida do seu usuário. Sendo assim, essa pesquisa investigou se havia alguma diferença na qualidade de vida considerando o estilo de apego do usuário, concluindo que houve maior impacto em usuários com apegos inseguros ansiosos-ambivalentes comparados aos evitativos.

Pesquisadores (SOLOMON et al, 2018) ainda se arriscam a classificar também o estilo de apego dos cães. Numa adaptação do Teste da Situação Estranha, o repertório de comportamento de 59 cães foi avaliado e classificado em quatro padrões. Foi observado que 61% dos cães apresentavam comportamentos de apego seguro semelhante ao encontrado em humanos. Cuidadores mais sensíveis aos cães durante o procedimento tiveram seus cães classificados com apego seguro.

Luto diante da morte do animal de estimação ou morte do tutor

O ser humano, independente da sua cultura, raça, condições socioeconômicas, gênero ou idade ao longo da sua vida tem a necessidade de se vincular, sentir pertencente a um grupo ou comunidade, onde ele proporcione segurança (LUIZ, 2021).

Parkes (2009) descreve em seus escritos que o amor é a fonte de prazer mais profunda da vida, em paralelo a perda desse amor é a fonte mais profunda de dor. Salienta que dentro do amor existem vários componentes, o principal é o compromisso, que irá vincular um indivíduo ao outro por um laço psicológico por um longo período. Além disso, o amor traz segurança, autoestima e confiança, dando suporte ao indivíduo.

Criando assim o mundo presumido, dentro dele estão incluídas as concepções sobre nossos pais, nossas relações, habilidades, reflexões, percepções, o que conhecemos, que traz segurança, previsibilidade e confiabilidade. No momento, que ocorre alguma perda ou rompimento desse mundo presumido, que é significativo para indivíduo, mesmo que não seja uma morte concreta, mas simbólica, inicia-se um processo de luto, que é universal e singular. Luto é um processo de construção de significado, que tem seu início a partir de um rompimento de um vínculo (FRANCO, 2021).

Existem perdas que desestabilizam a segurança do indivíduo, criando um antes e um depois, gerando uma necessidade de ajustamento e busca de novos significados. Cada luto será vivenciado como uma experiência única, variando de indivíduo para indivíduo, podendo ser influenciado por alguns fatores como: contexto, história pregressa, grau de vulnerabilidade, perdas secundárias, padrão de apego e grau e qualidade da vinculação com a pessoa/objeto que se perdeu.

O processo de luto necessita de tempo, reclusão, introspecção, devido a desorganização que ele provoca no indivíduo como:

Sentimentos desorganizados: choque, tristeza, culpa, raiva, solidão, agitação, ansiedade, fadiga, anseio, desamparo, alívio.

Sensações físicas: vazio no estômago, aperto no peito, nó na garganta, hipersensibilidade, falta de energia, dentre outros.

Cognição: descrença, confusão, déficit de memória e concentração, pensamentos obsessivos, sensação da presença e alucinações (CASELLATO, 2005).

Porém a sociedade demanda rapidez e agilidade no processo. Dependendo da perda/rompimento, o processo de luto terá maior ou menor reconhecimento pela sociedade (CASELLATO, 2020).

O luto não reconhecido, é um luto não legitimado, validado pela sociedade, comunidade ou pelas pessoas próximas ao enlutado. Esse não reconhecimento pode potencializar um sofrimento adicional, causando vários danos à saúde física, emocional e ao convívio social. Casellato (2020), descreve que existem alguns padrões na sociedade que desconsideram as singularidades dos enlutados, valorizando os enlutados que demonstram ser fortes. Aponta que é importante observar as habilidades adaptativas de cada indivíduo, essas habilidades que vão auxiliar na elaboração do luto.

O luto pode não ser autorizado por vergonha, por um estilo de evitação ou para não provocar um confronto com a sociedade e os familiares, que em muitos casos não respeitam o processo de cada um dos seus membros (FRANCO, 2021).

Atualmente os indivíduos passaram a ter a companhia de um animal de estimação, que é classificado como um membro da família, essa relação humano e animal gera um vínculo significativo. O luto dessa relação será semelhante ao que ocorre quando morre uma pessoa querida, o estilo de vida do tutor será alterado, ocorrendo perdas secundárias, ele pode vivenciar perdas anteriores que não foram elaboradas. Franco (2021) enfatiza que o luto pela morte de uma pessoa é um processo individual e público, e os rituais de despedida trazem suporte social que auxiliam no processo, quando ocorre a perda de um animal de estimação, existe a ausência de rituais e a falta de reconhecimento. Desta forma o enlutado não encontra acolhimento para sua dor e a reprime, vivenciando o processo de luto não reconhecido, desenvolvendo doenças psicossomáticas que expressam o não dito, podendo vivenciar o processo de luto complicado (CASELLATO, 2015).

Na relação tutor e animal também pode ocorrer o processo de luto antecipatório. Luto antecipatório ocorre no momento que o indivíduo recebe um diagnóstico médico, que trará uma mudança para sua vida, nesse contexto perdas de como era o animal antes da doença e a possibilidade iminente de morte, surgindo sentimento no tutor de impotência (CASELLATO, 2015). Também é importante que o tutor confie no médico veterinário, devido a possibilidade de eutanásia, geralmente os tutores se sentem culpados pelo ato. Porém

essa prática é legalizada, sendo considerada a última generosidade que o tutor pode fazer para seu animal (CASELLATO, 2015).

Franco (2021) explica que para lidar com a perda do animal de estimação, os enlutados utilizam suas estratégias internas de enfrentamento e adaptação, ocorrendo uma oscilação natural, que permite que o vínculo rompido seja ressignificado ao longo da vida do indivíduo. Essa oscilação é denominada processo *dual*, criada por Stroebe e Schut (2010), onde o enlutado em alguns momentos está orientado para a perda e em outros momentos está orientado para restauração. É possível observar que no momento que o enlutado está direcionado para a perda, pode ocorrer uma evitação do entendimento da realidade da morte, existe uma sensibilidade ativada, o enlutado fala sobre seu ente querido, existe um anseio por sua proximidade, ruminação e pensamentos de como seria a vida naquele momento, se o indivíduo ou o animal de estimação estivesse vivo.

Já na restauração o enlutado responde às mudanças de reorganização das suas tarefas, existem momentos de distração. No contexto de perda do animal de estimação, o tutor está aberto para uma nova aquisição de outro animal. Embora cada um tenha seu lugar interno, os vínculos são insubstituíveis e nenhum animal pode substituir o outro, o enlutado deixa de se conectar com os pensamentos e atitudes voltados para perda. Desta forma é possível vivenciar uma nova história (STROEBE & SCHUT, 2010).

2. Objetivos

Principal:

- Compreender a formação do vínculo de apego entre tutor e seu animal de estimação.

Específicos:

- Auxiliar na promoção de uma relação segura entre ambos.
- Conscientizar tutores no cuidado com o vínculo com o seu animal de estimação.
- Diminuir o abandono de animais.

4. Método

Este trabalho se trata de um projeto de intervenção.

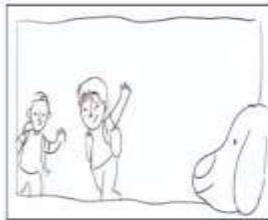
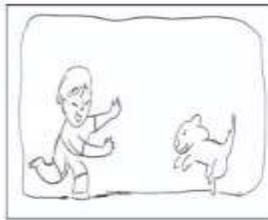
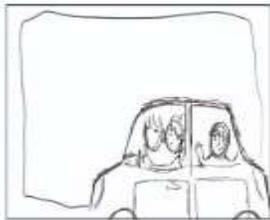
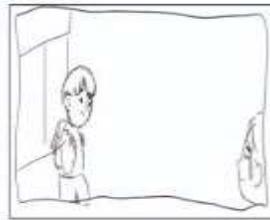
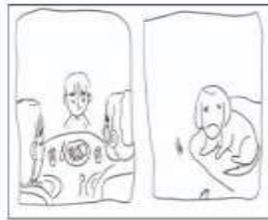
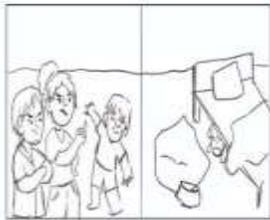
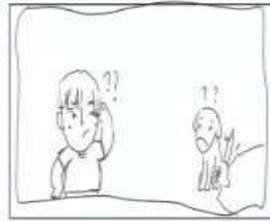
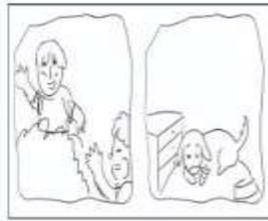
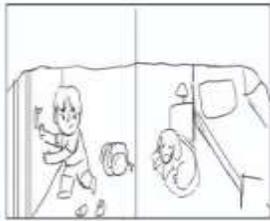
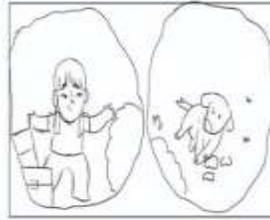
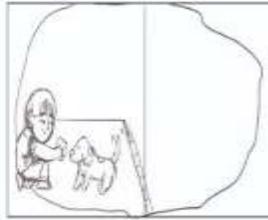
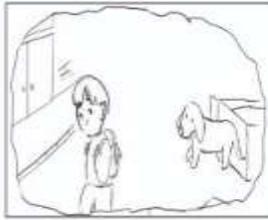
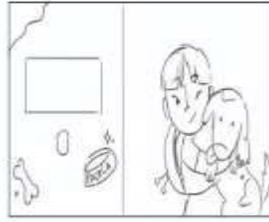
Foi escrito um livro infantil denominado “um amigo para chamar de meu”. O livro foi escrito pelas autoras deste trabalho e conta a história de Paçoca e Zeca. Retrata de forma lúdica e com linguagem acessível às crianças e seus responsáveis os temas trazidos na introdução: família multiespécie, abandono e maus tratos de animais, o processo de vinculação e a importância do vínculo entre os animais e os humanos, em especial as crianças.

Um vínculo de apego seguro da criança com o cão proporciona a possibilidade de exploração e interação com o mundo de forma saudável, desenvolvendo processos cognitivos, além de auxiliar na regulação emocional e da intimidade, com gestos de carinho, cuidados mútuos e responsabilidades.

O cão pode ajudar a criança a se comunicar e se expressar melhor, ter mais responsabilidades com o outro e com a rotina, auxilia na expressão e entendimento das emoções, no dar e receber afeto, respeitar o espaço do outro, ajuda a interação com os membros da família, a compartilhar e dividir, além dos benefícios na saúde física como maior atividade física, produção de hormônios do bem-estar, diminuição do estresse, melhora na imunidade entre outros.

É importante também ressaltar que o cão também tem suas necessidades físicas e emocionais específicas da espécie. Como é uma relação bidimensional, o cão precisa ser assegurado de cuidados com alimentação, conforto, saúde, ambiente, proteção, carinho e amor. A decisão de ter um animal precisa ser consciente, planejada, organizada de acordo com a rotina e realidade de cada família.

A seguir aparecem as figuras do livro, e todo o material editado e diagramado será finalizado após as considerações finais da banca no dia da apresentação oral.



4. Considerações finais

É evidente a importância da Teoria do Apego para compreensão dos processos de vinculação. Apesar de grande parte dos estudos em apego ser concentrado nas relações humanas, em especial, nas primeiras relações parentais, é possível compreender a importância das relações interespecies, principalmente com animais de estimação. O apego tem papel fundamental para criação e manutenção das relações e para o sentido de cuidado e sentimento de segurança.

Este livro tem o intuito de orientar, auxiliar, favorecer e fortalecer vínculos saudáveis e relações seguras nas famílias multiespecies, evitando assim, em segundo plano, a diminuição de maus tratos e abandonos de animais. A reflexão sobre a importância desta temática foi um exercício realizado durante todo o processo de escrita do livro. Espera-se que seus exemplares possam, futuramente, habitar os mais diversos lares ao redor do país e contribuir para uma vida mais feliz e com mais amor entre os humanos e os animais.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. N. A teoria da vinculação e a prática da psicoterapia cognitiva. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, 1(2), 43-58, 2005.

ASCIONE, F. R. **Animal abuse and youth violence**. Washington DC: US Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention, 2001.

AINSWORTH, M. D. S., BLEHAR, M. C., WATER, E. & WALL, S. **Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation**. Hillsdale: Erlbaum, 1978.

ALBUQUERQUE, N. S.; SAVALLI, C. A origem dos cães e de suas habilidades sociocognitivas: teorias e controvérsias, in: SAVALLI, C. ALBUQUERQUE, N. **Cognição e comportamento de cães: a ciência do nosso melhor amigo**. São Paulo: Edicon, 2017. p. 21-42.

BOWLBY, J. **A secure base: parent-child attachment and healthy human development**. New York: Basic, 1988.

BOWLBY, J. **Attachment and loss: vol. 1 Attachment**. New York: Basic Books, 1969.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos (3a ed.)**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Trabalho original publicado em 1979.

CASELLATO, G. Luto não reconhecido: um conceito a ser explorado. In: CASELLATO, G. (Org.) **Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade**. Niterói: Polo Books, 2015a.

CASELLATO, G. O resgate da empatia nos tempos modernos, In: CASELLATO, G. (Org.) **O resgate da empatia. Suporte psicológico ao luto não reconhecido**. In OLIVEIRA Déria, FRANCO Maria Helena Pereira. **Luto por perda de animal**. São Paulo: Summus, 2015. p 91-109

CASELLATO, G. **Luto por perdas não legitimadas na atualidade**, In: CASELLATO, G. (Org.) O. São Paulo: Summus, 2020.

FARACO, C. B. Interação humano-animal. **CIÊNCIA VETERINÁRIA NOS TRÓPICOS**. Recife: Editora Aurea Wischral, v. 11, N° supl. 1, p. 31-35, jan/abr 2008.

FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. **A Relação Homem-Animal e a Prática Veterinária**. REVISTA CFMV. Brasília, DF, Ano 10, N° 32, mai-ago, 2004, p. 57-62. ISSN 1517-6959.

FRANCO, M. Helena. **O luto no século 21. Uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus, 2021.

GÁCSI, M., TOPÁL, J., MIKLÓSI, Á., DÓKA, A., & CSÁNYI, V.. Attachment behavior of adult dogs (*Canis familiaris*) living at rescue centers: Forming new bonds. **Journal of Comparative Psychology**, 115(4), 423–431, 2015.

GAZZANA, C., SCHMIDT, B. Gazzana, C. **Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespécie**. In Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG, Anais, III Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG, Caxias do Sul, RS, 2015.

KNEBEL, A. G. **Novas configurações familiares: é possível falar de constituição familiar desde a relação multiespécie?** Santa Rosa: UNIJUÍ, 2012. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia), Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, 2012.

KONOV, V., KOSZTOLÁNYI, A., RAINER, W., MUTSCHLER, B., HALSBAND, U., MIKLÓSI, Á. **Influence of Owners' Attachment Style and Personality on Their Dogs' (Canis familiaris) Separation-Related Disorder**. PLoS ONE 10(2): 2015.

SOLOMON, A., BEETZ, I., SCHÖBERL, N., KOTRSCHAL, K., (2018): **Attachment security in companion dogs: adaptation of Ainsworth's strange situation and classification procedures to dogs and their human caregivers**, Attachment & Human Development, DOI: 10.1080/14616734.2018.1517812

LIOTTI, G. Patterns of attachment and assessment of interpersonal schemata: understating and changing difficult patient-therapist relationship in cognitive psychotherapy. **Journal of Cognitive Psychotherapy**, 5(2), 105-114, 1991.

LUZ, Rodrigo. **Luto e outra palavra para falar de amor, cinco formas de honrar a vida de quem vai e de quem fica após uma perda.** São Paulo: Agora, 2021.

MACEDO, R. M. S. **Terapia familiar no Brasil na última década.** São Paulo: Roca, 2008.

MAYSELESS, O., DANIELLI, R. & SHARABANY, R. Adults' attachment patterns: coping with separations. **Journal of Youth and Adolescence**, 25(5), 667-690, 1996.

MARDER, A.; DUXBURY M.M. Obtaining a Pet: Realistic Expectations. **Veterinary Clinics Small Animal Practice** 38, 1145-1162, 2008.

PARKES, C. Murray. **Amor e Perda as raízes do luto e suas complicações.** São Paulo: Summus, 2009.

ROBY, P.; CUSTANCE, D., A counterbalanced version of Ainsworth's Strange Situation Procedure reveals secure-base effects in dog-human relationships, **Applied Animal Behaviour Science**, v.109, n. 2-4, 2008, p.306-319.

REHN, T.; BEETZ, A.; KEELING, L. J. (2017) **Links between an Owner's Adult Attachment Style and the Support-Seeking Behavior of Their Dog.** *Front. Psychol.* 8:2059. doi: 10.3389/fpsyg.2017.02059

SAVALLI, C.; FRANK, A. C.; ALBUQUERQUE, N. S. O apego entre cão e tutor, in: SAVALLI, C. ALBUQUERQUE, N. **Cognição e comportamento de cães: a ciência do nosso melhor amigo.** São Paulo: Edicon, 2017. p. 211-232.

STROEBE, M., SCHUT, H., BOERNER, K., Continuing bonds in adaptation to bereavement: toward theoretical integration. **Clinical Psychology Review**. 30 (2010) 259-268.

TOPÁL, J.; MOKLÓSI Á.; CSÁNYI V.; DÓKA, A. (1998). Attachment behavior in dogs (Canis familiaris): A new application of Ainsworth's (1969) Strange Situation Test. **Journal of Comparative Psychology**, v.112, n. 3, p. 219-229.

VIDELA, M. D. Qué es una mascota? Objetos y miembros de la familia. **Revista Ajayu de psicología**, Vol. 15, nº1: 53-69, marzo.2017. ISSN 2007-2161.

VITALE, K.R.; BEHNKE, A.C. e UDELL, A.R. Attachment bonds between domestic cats and humans. **Current Biology Magazine**, v. 29, pp. 859–865, 2019.

WHITE, N.; MILLS, D.; HALL, S. Attachment Style Is Related to Quality of Life for Assistance Dog Owners. **Int. J. Environ. Res. Public Health** 2017, *14*, 658.
<https://doi.org/10.3390/ijerph14060658>